

LINGUAGENS E CÓDIGOS

Instrução: As questões de números 25 a 28 tomam por base o poema *Livros*, do parnasiano brasileiro Afonso Celso (1860-1938) e uma passagem do livro *Elementos de bibliologia*, do filólogo e lexicógrafo brasileiro Antonio Houaiss (1915-1999).

Livros

*De livros mil vivo cercado,
Dias e noites passo a ler,
Mas, francamente, o resultado
Coisa não é de agradecer.*

*Nenhum me dá – paz e conforto,
Nenhum me diz se eu amanhã
Vivo estarei ou se, já morto,
Terá cessado o meu afã.*

*Nada afinal sabeis ao certo
Sobre das almas o tropel...
Do vosso cume vê-se perto,
Chatas montanhas de papel.*

*Vãs pretensões! Orgulho fofo!
Do ser mesquinho que voz fez
Tendes o mesmo vil estofo,
Tendes a mesma pequenez.*

*Cada vez mais, de balde, avulta
Vossa maré... Tudo invadis;
Mas não tornais quem vos consulta
Nem menos mau, nem mais feliz.*

*Que um cataclismo vos destrua,
Mal não fará... Sem o sentir,
Serena a vida continua:
Lutar, sofrer, sonhar, mentir.*

(Afonso Celso. *Poesias escolhidas*. Rio de Janeiro: H. Garnier Livreiro-Editor, 1904, p. 03-04. Adaptado.)

Nas condições do atual desenvolvimento histórico da humanidade, o conhecimento de primeira mão não pode progredir sem o de segunda mão. Conhecimento de primeira mão é o decorrente, digamos assim, da integração do homem na natureza, para dela haurir continuidade específica e felicidade individual; essa integração, para consolidar-se, foi condicionada pela e condicionou a comunicação verbal, implicadora do conhecimento de segunda mão, a linguagem, no que ela encerra de transmissão cognitiva. Esse conhecimento de segunda mão multiplicou de importância a partir do momento em que o homem pôde mantê-lo em conserva, graficamente, para uso de seus contemporâneos e de seus pósteros. A noosfera, gerando a grafosfera, aumentou os poderes e potências do homem. E hoje a matéria mentada e em conserva gráfica é tão imensa e se renova em ritmo tão intenso, que um dos mais graves problemas da civilização e da cultura humanas é conseguir torná-la relativamente acessível a quantos queiram ou possam acrescentar seu esforço ao herdado das gerações anteriores, na luta pelo aumento do saber, vale dizer, do conhecer, vale dizer, do fazer, vale dizer, do conhecer-fazer-conhecer-fazer, vale dizer, da perpetuação específica e da felicidade individual. Uma “documentação ativa” é condição e imperativo, nesta altura, do progresso. Forma privilegiada da mensagem gráfica, o livro se insere, necessariamente, na documentação, como um dos meios específicos mais poderosos e eficazes da mesma documentação; mas não apenas o livro, é óbvio, senão que quantas coisas realizadas, executadas, interpretadas, achadas, ordenadas, nominadas pelo homem.

(Antonio Houaiss. *Elementos de bibliologia*.
Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro,
1967, vol II, p. 36-37.)

25

Considerando que o poema *Livros* surge num livro publicado em 1904 e é uma bem-humorada crítica à cultura livresca, sintetize a opinião sobre a utilidade dos livros manifestada pelo eu-lírico no poema de Afonso Celso.

Resolução

Segundo o autor, os livros não têm nenhuma utilidade prática. Não tornam quem os lê “nem menos mau, nem mais feliz” e nem trazem “paz e conforto”. Ademais, a leitura não responde as perguntas essenciais sobre a existência humana: “Nenhum me diz se eu amanhã / Vivo estarei ou se, já morto, / Terá cessado o meu afã”. De forma bem-humorada, o poeta conclui, nos últimos versos, que a destruição da cultura livresca alteraria em nada a experiência de viver.

26

Ao demonstrar a utilidade dos livros, Houaiss estabelece dois conceitos: *conhecimento de primeira mão* e *conhecimento de segunda mão*. Releia o texto e explique a diferença entre esses dois conceitos.

Resolução

O conhecimento de primeira mão diz respeito à “**integração do homem na natureza**”, isto é, resulta da experiência adquirida pelo contato direto com os elementos naturais.

Essa integração promoveu o surgimento da linguagem, da comunicação verbal, que é o conhecimento de segunda mão. Derivada desse conhecimento, surgiu a escrita, que possibilitou a transmissão dos saberes para outros indivíduos, contemporâneos ou das gerações seguintes.

27

Mas não tornais quem vos consulta / Nem menos mau, nem mais feliz.

Nestes versos, o eu-lírico se serve ao mesmo tempo de dois procedimentos tradicionais da poesia e da oratória, a *personificação* (ou *prosopopeia*), atribuição de vida, ação, movimento e voz a coisas inanimadas, e a *apóstrofe*, recurso que consiste em o orador ou o eu-lírico dirigir-se a uma pessoa ou coisa real ou fictícia. Identifique a presença da personificação e da apóstrofe nos versos citados e aponte as palavras que, por suas características gramaticais, permitem detectar esses procedimentos.

Resolução

O autor do poema personifica os livros e dialoga com eles a partir da terceira estrofe. As ações que ele atribui aos livros, por meio do verbo *tornar* (tornar menos mau, tornar mais feliz), podem implicar (mas não necessariamente) um agente animado, personificado. A prosopopeia se configura mais claramente com a presença da apóstrofe, pois tais agentes são tratados como interlocutores, por meio do verbo – *tornais* – e do pronome – *vos* – na segunda pessoa, isto é, o eu lírico se dirige a eles como se fossem pessoas.

28

Um conceito lógico pode ser expresso figuradamente, para ser melhor entendido. É o que ocorre no texto de Houaiss na passagem *o homem pôde mantê-lo em conserva*. Explique o significado lógico dessa imagem no contexto em que surge.

Resolução

A metáfora utilizada pelo autor sugere que a escrita possibilitou que os conhecimentos adquiridos pela humanidade fossem preservados.

Instrução: As questões de números 29 a 32 tomam por base um poema de Mário Faustino (1930-1962) e um fragmento do artigo *Viagem ao ódio dos irmãos siameses*, publicado na *Folha de S.Paulo* pelo jornalista Clóvis Rossi (1943-).

Estava lá Aquiles, que abraçava

*Estava lá Aquiles, que abraçava
Enfim Heitor, secreto personagem
Do sonho que na tenda o torturava;
Estava lá Saul, tendo por pajem
Davi, que ao som da cítara cantava;
E estavam lá seteiros que pensavam
Sebastião e as chagas que o mataram.
Nesse jardim, quantos as mãos deixavam
Levar aos lábios que os atraçoaram!
Era a cidade exata, aberta, clara:
Estava lá o arcanjo incendiado
Sentado aos pés de quem desafiara;
E estava lá um deus crucificado
Beijando uma vez mais o enforcado.*

(Mário Faustino. *Poesia de Mário Faustino*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966, p. 85.)

O sangue mais recente a correr no conflito entre israelenses e palestinos apareceu perto da cidade de Hebron, na terça-feira, dia em que foram assassinados quatro judeus que moravam em um assentamento próximo.

Visitar Hebron é como colocar sob uma lupa as raízes do conflito e do comportamento das duas tribos. Fiz duas incursões pela cidade que tem forte carga mística e histórica – e por isso mesmo é explosiva.

*Reproduzo o relato publicado pela **Folha** no dia 21 de janeiro de 1996, ano da primeira eleição palestina (janeiro) e de importante eleição em Israel (abril), para pôr a lupa ao alcance do leitor:*

Segue-se o texto na íntegra:

“É uma única pessoa, cultuada por muçulmanos e por judeus. Chama-se Avraham (Abraão, para os judeus) ou Ibrahim (para os muçulmanos) – ou Al Khalil er Rahman, ‘Amigo do Senhor’.

No túmulo, no entanto, Abraão/Ibrahim são dois. O sepulcro fica na mesquita de Ibrahim, em Hebron (35 km ao sul de Jerusalém), ou, como preferem os judeus, na caverna de Machpelá.

Foi lá, ao lado do túmulo, que, em fevereiro de 1994, um médico judeu fanático, Baruch Goldstein, entrou atirando contra muçulmanos que oravam. Matou 29.

A partir de então, as autoridades israelenses dividiram em duas partes a mesquita/caverna. Uma entrada é reservada só para judeus. A outra, para muçulmanos ou não-judeus em geral.

Cada um chega por seu lado à tumba de Abraão/Ibrahim. Cada um vê de um ângulo diferente o sepulcro coberto por uma tapeçaria em que se lê, em árabe:

‘Esta é a tumba do profeta Ibrahim, que descanse em paz’.

Não descansou nos séculos que se seguiram, e sua história acaba sendo a síntese da história de Israel e dos palestinos.

São irmãos siameses, que amam odiar-se, condenados a conviver no mesmo corpo de 89 351 km² (pouco mais de 1% do território brasileiro).

Ou, como prefere o mais conhecido escritor israelense, Amos Oz, um pacifista: ‘O conflito entre israelenses e palestinos é um conflito entre um direito e outro direito: eles têm direito aos territórios porque seus antepassados os haviam habitado faz 1 300 anos; nós temos direito aos territórios porque nossos antepassados os habitam há milhares de anos e não temos outra pátria’. Por isso, Oz sugere dividir os territórios. ‘Não existe outra saída ao círculo de violência.’

A eleição palestina faz parte do processo de divisão dos siameses, inevitavelmente dolorosa e de resultado incerto como qualquer cirurgia de grande porte.

(...)

A julgar pela disposição das duas partes, Abraão/Ibrahimi continuarão sendo dois na tumba da mesquita/caverna.”

(...)

(Clóvis Rossi. *Folha Online*, 02.09.2010.)

29

No poema de Mário Faustino é empregado por cinco vezes o advérbio *lá* como referência genérica a um lugar. Por duas vezes, no entanto, surgem substantivos que especificam o sentido desse *lá*. Aponte esses substantivos.

Resolução

Os substantivos que especificam o sentido do *lá* são *jardim* e *cidade*.

30

Explique por que o comportamento que as personagens apresentam no poema contribui para sintetizar a proposta de um mundo ideal, utópico, governado por um só sentimento.

Resolução

As personagens citadas, da mitologia grega ou da *Bíblia*, são protagonistas de cruentas batalhas, ódios profundos, traições fatais.

No poema, elas estão reunidas em um local utópico, vivendo em perfeita harmonia e paz. Isso sintetiza a ideia de um sentimento de reconciliação e amor que sobrepuja a discórdia vivida por elas. É esse sentimento que perpassa o poema e culmina na imagem de Jesus beijando Judas (“o enforcado”).

31

O artigo de Clóvis Rossi focaliza o conflito terrível que envolve israelenses e palestinos há muito tempo e parece longe de uma solução. Explique a relação que há entre o título do artigo *Viagem ao ódio dos irmãos siameses* e a expressão “duas tribos”, atribuída no contexto a palestinos e israelenses.

Resolução

A expressão “irmãos siameses”, presente no título, refere-se ao fato de que tanto israelenses quanto palestinos cultuam o mesmo Deus, de que se consideram filhos, e um mesmo profeta, Abraão, venerando o mesmo sepulcro onde presumem que ele esteja enterrado. Isso implica que o território que esses dois povos irmãos consideram sagrado e seu é o mesmo: “São irmãos siameses, que amam odiar-se, condenados a conviver no mesmo corpo de 89.351 km² (pouco mais de 1% do território brasileiro).”

No túmulo, no entanto, Abraão/Ibrahimi são dois.

A concordância do predicativo no plural destaca, com expressividade, um fato abordado com bastante ênfase pelo jornalista no artigo. Aponte esse fato.

Resolução

O fato enfatizado é que o mesmo profeta é nomeado por muçulmanos e judeus com variantes de um mesmo nome semítico, mas variantes que sugerem tratar-se de dois nomes e, pois, de duas pessoas. O verbo no plural, concordando com o predicativo *dois*, enfatiza essa distinção, uma vez que as duas tribos são obrigadas a dividir o mesmo Deus, o mesmo local de adoração e o mesmo território.

Instrução: Leia o texto para responder, em português, as questões de números 33 e 34.

Bob Marley: Life and Legacy

Bob Marley was a hero figure, in the classic mythological sense. His departure from this planet came at a point when his vision of One World, One Love – inspired by his belief in Rastafari – was beginning to be heard and felt. (...)

Bob's story is that of an archetype, which is why it continues to have such a powerful and ever-growing resonance: it embodies political repression, metaphysical and artistic insights, gangland warfare and various periods of mystical wilderness. And his audience continues to widen: to westerners Bob's apocalyptic truths prove inspirational and life-changing; in the Third World his impact goes much further. Not just among Jamaicans, but also the Hopi Indians of New Mexico and the Maoris of New Zealand, in Indonesia and India, and especially in those parts of West Africa from which slaves were plucked and taken to the New World, Bob is seen as a redeemer figure returning to lead this.

(...)

The tiny Third World country of Jamaica has produced an artist who has transcended all categories, classes, and creeds through a combination of innate modesty and profound wisdom. Bob Marley, the Natural Mystic, may yet prove to be the most significant musical artist of the twentieth century.

(...)

(www.bobmarley.com/life_and_legacy.php)

33

De acordo com o último parágrafo do texto, Bob Marley pode ser considerado o compositor e músico mais marcante do século vinte (*the most significant musical artist of the twentieth century*). Indique dois, dentre os vários argumentos apresentados no texto, que justifiquem essa conclusão.

Resolução

Para os ocidentais, por exemplo, as verdades de Bob Marley inspiraram e continuam a inspirar seu público até hoje, provocando uma mudança de vida nas pessoas. No texto: “... to westerners Bob's apocalyptic truths prove inspirational and life-changing”.

- **Bob Marley transcendeu todas as categorias, classes e credos através de uma combinação de uma modestia inata e profunda sabedoria.**
- **“The tiny third World country of Jamaica has produced an artist who has transcended all categories, classes, and creeds through a combination of innate modesty and profound wisdom”.**

Dê os significados, no texto, das seguintes palavras e expressões: *departure from this planet*, *to widen*, *slaves were plucked* e *profound wisdom*.

Resolução

- **departure from this planet = partida deste planeta**
- **to widen = aumentar**
- **slaves were plucked = escravos foram arrancados**
- **profound wisdom = sabedoria profunda**

Instrução: Leia a letra da música para responder, em português, as questões de números 35 e 36.

One Love (Bob Marley)

One Love, one heart

Let's get together and feel all right

Hear the children crying (One love)

Hear the children crying (One heart)

*Sayin', "Give thanks and praise to the Lord and I will feel
[all right]"*

Sayin', "Let's get together and feel all right"

Whoa, whoa, whoa, whoa

Let them all pass all their dirty remarks (One love)

There is one question I'd really love to ask (One heart)

Is there a place for the hopeless sinner

Who has hurt all mankind just to save his own?

Believe me

One Love, one heart

Let's get together and feel all right

As it was in the beginning (One love)

So shall it be in the end (One heart)

*Alright, "Give thanks and praise to the Lord and I will
[feel all right]"*

"Let's get together and feel all right."

One more thing

Let's get together to fight this Holy Armageddon (One love)

So when the Man comes there will be no, no doom (One song)

Have pity on those whose chances grow thinner

There ain't no hiding place from the Father of Creation

Sayin', "One love, one heart

Let's get together and feel all right."

I'm pleading to mankind (One love)

Oh Lord (One heart) Whoa.

"Give thanks and praise to the Lord and I will feel all right."

Let's get together and feel all right

(www.lyrics007.com)

35

Explique o significado do verso *Have pity on those whose chances grow thinner* no contexto da letra de *One Love*. A quem se refere a palavra *those*, e por que se afirma, sobre essas pessoas, que *chances grow thinner*?

Resolução

- O verso significa: Tenha pena daqueles cujas chances diminuam por conta da chegada do Pai da criação.
- A palavra *those* refere-se aos pecadores sem esperança.

36

Considerando-se a mensagem principal e as demais ideias contidas na letra de *One Love*, a quem se refere a expressão *the hopeless sinner*, e qual a culpa atribuída a essas pessoas?

Resolução

A expressão *the hopeless sinner* refere-se às pessoas egoístas que fizeram mal a toda a humanidade para salvar a sua própria alma.

Instrução: Leia os trechos dos textos que se referem ao futuro do livro.

Texto I

*A possibilidade do fim do livro é traumática porque o livro não pode jamais ser visto apenas como material inerte ou simples objeto de consumo. É antes um objeto simbólico e uma instituição aos quais a cultura pós-Gutenberg confiou a tarefa de armazenar e fazer circular praticamente todo o conhecimento considerado relevante. Enquanto **instituição**, o livro representa uma forma de socialização que compreende todo um circuito de produção e consumo: autores, editores, leitores, críticos, comunidades interpretativas institucionalizadas. Como qualquer forma de socialização, a instituição do livro cria um espaço público, estabelece hierarquias e constitui identidades nos grupos e nos indivíduos que dela participam.*

(Sérgio Luiz Prado Bellei, *O fim do livro e o livro sem fim*. Universidade Federal de Santa Catarina: <http://filipe.tripod.com/bellei.html>)

Texto II

Com relação ao desaparecimento do livro, os dois [Umberto Eco e Jean-Claude Carrière] observam com razão que as tecnologias digitais ficam obsoletas muito mais rapidamente que o livro impresso. Carrière vai buscar em sua biblioteca um pequeno incunábulo em latim, impresso em Paris em 1498; com exceção de umas poucas palavras obscuras, é perfeitamente legível como linguagem e como tecnologia, cinco séculos depois. E ele cita o caso de um cineasta belga, seu amigo, que tem no porão de casa 18 computadores diferentes, para poder consultar trabalhos antigos, criados em programas de PC que não são mais usados hoje.

Os dois comentam que a possibilidade atual de armazenar quantidades imensas de dados não significa que tudo isto continuará armazenado (e acessível) indefinidamente, e observam que mesmo uma biblioteca gigantesca não passa de uma mera seleção, um filtro de escolha, de prioridades, aplicado a uma cultura. ‘O que devemos preservar?’ – eis a questão, porque é impossível preservar tudo, tanto quanto é impossível consultar tudo quanto foi preservado (e que é necessariamente uma pequena parte desse todo).

(Braulio Tavares. *Não contem com o fim do livro*: <http://jornaldaparaiba.globo.com/>)

Ou seja, apesar de sua imagem idealizada – às vezes, sacralizada – de fonte de lazer, informação, conhecimento, fruição intelectual, o livro, enquanto objeto, é apenas ‘o suporte da leitura’, o meio pelo qual o escritor chega ao leitor. E assim permanecerá até que ‘alguma coisa similar’ o substitua. Saber quanto tempo essa transição levará para se consumir é mero e certamente inútil exercício de futurologia. Até porque provavelmente não ocorrerá exatamente uma transição, mas apenas a acomodação de uma nova mídia no amplo universo da comunicação. Tem sido assim ao longo da História.

Tranquilizem-se, portanto, os amantes do livro impresso. Tal como ‘a colher, o martelo, a roda ou a tesoura’, ele veio para ficar, pelo menos até onde a vista alcança. E não se desesperem os novidadeiros amantes de gadgets. Estes continuarão sendo inventados e aprimorados por força da voracidade do business globalizado. E é possível até mesmo que algum deles venha a se tornar definitivo e entrar no time do livro, da colher, da roda...

(A. P. Quartim de Moraes. *É o fim do livro? Rir para não chorar*. www.estadao.com.br/)

PROPOSIÇÃO

Os *e-readers*, aparelhos de leitura de livros digitalizados, e os chamados *tablets*, que incorporam outras funções além da leitura de livros e revistas, estão conquistando cada vez mais usuários. Hoje já é possível, com um desses leitores digitais, ter uma biblioteca de milhares de obras e, além disso, acessar para leitura imediata jornais e revistas do mundo inteiro. Diante dessa nova realidade, caracterizada por uma competição muito grande entre empresas que pretendem criar o melhor aparelho eletrônico de leitura, muitos estudiosos já preveem o fim dos jornais e revistas e o fim dos livros. Outros, porém, questionam tais previsões e afirmam que o livro não desaparecerá. Que poderá acontecer de fato?

Com base nos textos apresentados na instrução e, se achar necessário, levando em consideração os textos que serviram de base às questões de números 25 a 28, escreva uma redação de **gênero dissertativo**, empregando a norma-padrão, sobre o tema:

O futuro do livro

Comentário à proposta de Redação

“O futuro do livro” foi o tema proposto, a ser desenvolvido numa redação de gênero dissertativo. A exemplo de provas anteriores, a Banca Examinadora ofereceu três textos que serviram de base para a discussão do assunto, além de outros dois que faziam parte das questões de números 25 a 28 da prova de Linguagens e Códigos.

Independentemente do ponto de vista que viesse a defender, o candidato poderia destacar a importância do livro impresso não somente como instituição, cuja tarefa é “armazenar e fazer circular praticamente todo o conhecimento considerado relevante”, mas também como “uma forma de socialização”, que identifica e agrupa comunidades e indivíduos. Caso o vestibulando acreditasse na permanência do livro, caberia destacar, por exemplo, seu caráter definitivo, representado pela capacidade de preservar, com poucos riscos, uma quantidade infinita de informação, resistindo ao tempo e a várias tecnologias digitais, algumas das quais já se teriam tornado rapidamente obsoletas, tendo caído no esquecimento. Assim, seria possível imaginar, quando muito, a convivência do livro impresso com aparelhos eletrônicos de leitura, como os *e-readers* e os *tablets*, o que só viria a enriquecer as possibilidades de acesso, nas palavras de Houaiss, “a quantos queiram ou possam acrescentar seu esforço na luta pelo aumento do saber, vale dizer, do conhecer”.

Já o candidato que duvidasse da perpetuação do livro poderia mencionar a sucessão de invenções e aprimoramentos de *gadgets* (“engenhocas”) eletrônicos, que estariam conquistando um número cada vez maior de usuários, adeptos da comodidade oferecida por aparelhos minúsculos que armazenam centenas de livros – em contraste com o espaço físico tomado pelos livros impressos. Além disso – e bem mais importante – poder-se-ia considerar que o equipamento desenvolvido pela informática permite a elaboração, distribuição e utilização do livro de formas antes impossíveis, potencializando muito o seu poder e a sua utilidade.

Qualquer que fosse, em suma, o posicionamento adotado, o candidato deveria deixar bem clara sua previsão em relação ao futuro do livro, e não apenas defender sua importância.